

# Escritores latino-americanos no suplemento *Mais!*



*Marcelo Fernando de Lima*

Doutor em Letras pela UFPR  
Docente da graduação em  
Comunicação Institucional da UTFPR  
E-mail: marcelolima@utfpr.edu.br

**Resumo:** O suplemento *Mais!*, da *Folha de S. Paulo* (1992-2010), surgiu num momento em que as universidades abriram espaço para um tipo de produção híbrida, privilegiando escritores locais e latino-americanos. Este artigo visa mostrar que, apesar disso, os escritores latino-americanos recebem pouca atenção nos suplementos. O *Mais!* apresentou um enfoque conservador quanto ao tema, privilegiando autores consagrados. Essa constatação foi feita com base em pesquisa realizada a partir das 665 edições do caderno de 1992 a 2004.

**Palavras-chave:** Jornalismo cultural, literatura, América Latina.

*Escritores latinoamericanos en el suplemento Mais!*

**Resumen:** El suplemento *Mais!*, publicado por *Folha de S. Paulo* (1992-2010), surgió en un momento cuando las universidades abrieran espacio para una producción híbrida, favoreciendo a los escritores locales y latinoamericanos. Este texto muestra que, a pesar de esto, estos escritores recibieron pequeña atención en los suplementos. El *Mais!* presentó un enfoque conservador al tema, centrándose en autores consagrados. Este hallazgo se basa en la investigación llevada a cabo con el estudio de 665 ediciones, en el período 1992-2004.

**Palabras claves:** Periodismo cultural, literatura, América Latina.

*Latin American writers in the supplement Mais!*

**Abstract:** The supplement *Mais!*, published by *Folha de S. Paulo* (1992-2010), appeared when universities had begun to study hybrid art, giving special attention to local and Latin American writers. The aim of this paper is to show that, despite that, those writers have short space in cultural publications. The supplement *Mais!* had a conservative position regarding this issue, by giving a better approach to consecrated authors. This conclusion was held in the study of 665 editions of *Mais!*, from 1992 to 2004.

**Keywords:** Cultural journalism, literature, Latin America.

## Introdução

Em 16 de fevereiro de 1992, um domingo, a *Folha de S. Paulo* publicava a primeira edição do suplemento *Mais!*, criado para substituir o caderno *Letras*, que circulava aos sábados. Ao longo de 18 anos, foi o suplemento cultural mais importante no país, e seu fim, em 16 de maio de 2010, causou surpresa aos leitores. A morte do suplemento foi anunciada num “necrológico” escrito por seu primeiro editor, Alcino Leite Neto. Para ele, o *Mais!* havia sido criado com o objetivo de combater o clima de marasmo no jornalismo cultural brasileiro, para “[...] evitar a tendência ao passadismo e a museificação, que continuam sendo verdadeiras pragas do jornalismo cultural” (2010:8). Leite Neto se referia às décadas de 1980 e 1990, quando a maior parte dos suplementos ou foi cortada dos jornais, ou transformou-se em roteiros de consumo de bens culturais.

Apesar do esforço do *Mais!* em cobrir o novo, o próprio ex-editor reconheceu, em

outro momento, que o jornalismo cultural na grande imprensa não conseguiu atingir essa meta; na verdade, a cobertura passou a ser feita de forma descentralizada, por veículos especializados. Assim, poucos veículos correram o risco de apostar em produtos culturais novos nos anos 1990; para manter e ampliar seu público, os editores investiram em bens culturais com retorno supostamente garantido (Leite Neto, 2004, p. 326).

*Como a indústria do livro era incipiente no Brasil, os escritores utilizavam as páginas dos suplementos para escreverem textos literários e críticas*

Um dos motivos para essa postura conservadora é o fato de os suplementos serem vistos como vitrines para produtos culturais, num contexto em que o mercado de bens simbólicos no Brasil tornou-se mais profissionalizado do que na época de ouro dos suplementos, nos anos 1950 e 1960, quando boa parte da inteligência do país usava as páginas dos jornais como “caixa de ressonância” de suas ideias (Nunes, 2009, p. 77). Hoje, assessores de imprensa, editores e agentes literários procuram “cavar” espaço nos jornais (Travancas, 2001, p. 134).

O *Mais!* estaria então adotando um olhar conservador sobre a produção cultural? Que lugar foi ocupado pelos escritores latino-americanos,<sup>1</sup> que tiveram um espaço importante nas décadas de 1960 e 1970 nos jornais brasileiros? Estas perguntas podem ser respondidas em parte com a análise de informações que reunimos sobre o suplemento, envolvendo a leitura e o fichamento

<sup>1</sup> Neste trabalho, entende-se por escritor latino-americano o autor nascido em países que compõem a América Latina.

do suplemento nos seus 12 primeiros anos de existência, de 1992 a 2004, cobrindo a década de 1990 e os anos iniciais do século XXI. Foram fichadas 665 capas. Além disso, foi feita uma análise qualitativa dos textos (Lima, 2010, p. 223).

Na primeira parte deste texto, traçamos um breve panorama dos suplementos culturais no Brasil, para podermos fazer um paralelo com o *Mais!* no tratamento da literatura latino-americana. Na segunda parte, apresentamos o perfil de cobertura do *Mais!*, e, na terceira, o lugar dos escritores latino-americanos nesse espaço.

### ● América Latina, a desconhecida

O jornalismo cultural brasileiro iniciou-se no final do século XIX, num período de desenvolvimento da imprensa do ponto de vista empresarial, usando como estratégia polêmicas envolvendo ideias políticas e sociais (Sodré, 1983; Ventura, 2000). Nessa época, destacou-se a chamada Geração de 1870, que envolvia intelectuais como Silvio Romero, José Veríssimo e Joaquim Nabuco, responsáveis por trazer para o âmbito da cultura debates inspirados nas ideias liberais e no pensamento evolucionista.

Esses críticos usavam a imprensa para expor as diferenças entre os grupos rivais, misturando uma crítica influenciada pelo universo jurídico, com a tradição da cultura popular (Ventura, 2000, p. 10). Uma das marcas das discussões teóricas do período foi a tentativa de forjar uma identidade nacional, havendo pouco espaço para o diálogo com outros países da América Latina. Veríssimo e Romero desempenharam um papel importante na organização de critérios para a construção de um cânone nacional: ambos foram motivados pelo clima de mudanças da sociedade brasileira do final do século XIX. Fatores históricos e geográficos também ajudaram a distanciar o Brasil de outros países da América Latina no século XIX.

No início do século XX, os temas ligados às artes e à literatura passaram a ocupar um lugar especial no jornal. Na *Belle Époque* e nos anos 1920 e 1930, além da proliferação de revistas para o público burguês, ganhou força um tipo de publicação especializada em literatura e arte, muitas vezes vinculada a grupos de intelectuais, tais como *Klaxon*, *Estética*, *Festa*, *Revista do Brasil*, *Boletim de Ariel*, *Lanterna Verde*, entre outras. Elas tinham um papel importante na atualização estética do leitor brasileiro; foram o espaço privilegiado de discussões sobre projetos nacionais para a cultura brasileira. Uma de suas funções mais importantes era combater o “ranço” da produção literária do século XIX, tentando convencer os leitores para uma produção literária nova (Luca, 2011, p. 6).

Nesse período, a produção e a veiculação dos produtos culturais se confundiam. Como a indústria do livro ainda era incipiente no Brasil, os escritores utilizavam as páginas dos suplementos para poderem escrever textos literários e críticas. Essa tendência iria se tornar ainda mais forte nas décadas seguintes, com o surgimento de revistas e suplementos literários em várias partes do Brasil. Conferiu-se então, “[...] especialmente às revistas, a função de suporte adequado para a veiculação da imagem de um novo Brasil” (Martins, 2000, p. 26).

O grande avanço da produção literária brasileira dos anos 1920 em diante, na esteira do Modernismo, resultou também na aproximação de ideias críticas entre os intelectuais brasileiros e estrangeiros. Assim, houve um diálogo entre escritores do Brasil, europeus e latino-americanos, estes em menor escala. A literatura brasileira, buscando romper o seu provincianismo, procurou dialogar com a produção literária de outras terras. Esse diálogo torna-se intenso ainda a partir da década de 1950, quando os jornais brasileiros, favorecidos pelo ambiente político de liberdade e pelo desenvolvimento econômico do país, viveram a sua “época de ouro”. Os veículos impressos se modernizavam, os jor-

nalistas se profissionalizavam, favorecendo a proliferação dos suplementos literários.

Um deles foi o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* (SDJB), que circulou entre 1956 e 1960. Seu grande diferencial foi ir além da publicação de resenhas e reportagens sobre literatura e arte. Dirigido pelo poeta e crítico de arte Ferreira Gullar, teve um papel militante na divulgação do ideário da arte concreta. Críticos e artistas como Mário Pedrosa, José Guilherme Merquior, Hélio Oiticica, Lygia Clark, Haroldo de Campos e Augusto de Campos tiveram participação importante no jornal.

Além desses autores, a publicação contou com o relevante trabalho de divulgação literária do poeta e tradutor Mário Faustino, que assinava a página “Poesia-experiência”, um conjunto de textos críticos, traduções e apresentações de poetas contemporâneos e modernos para jovens poetas e o público interessado em poesia. Sua função era formar os interessados sobre poesia brasileira e internacional e pôr em circulação as novas teorias da produção poética. Divulgou nomes como o nicaraguense Rúben Darío, o chileno Vicente Huidobro e o cubano Nicolas Guillén (Faustino, 2004).

Outra publicação marcante foi o *Suplemento Literário d’O Estado de S. Paulo* (SLOESP), de 1956 a 1974, comandado pelo crítico de teatro Decio de Almeida Prado. No suplemento, havia rubricas destinadas a manifestações literárias de vários países, tais como literatura norte-americana, inglesa, portuguesa, francesa, argentina, chilena, entre outras. Cada uma dessas rubricas contava com um crítico fixo. Um papel importante na divulgação da literatura latino-americana foi desempenhado pela crítica Bella Josef, responsável pela divulgação da obra de Jorge Luis Borges no país.

O projeto do SLOESP enfraqueceu com a Ditadura Militar. Em meio às restrições impostas à imprensa, seu editor optou por dedicar-se à carreira universitária, saindo da publicação em 1967. Outro motivo que le-

vou a sua decadência foi a ascensão, cada vez maior, da indústria cultural brasileira, que impôs à grande imprensa uma preocupação muito mais elevada com ampliação do público. Com as restrições da grande imprensa, o jornalismo cultural deslocou-se, do final da década de 1960 até o início dos anos 1980, para veículos produzidos fora da grande mídia. Nesse caso, podemos classificar dois tipos de impressos culturais: os jornais e revistas alternativos (*O Pasquim, Movimento, Opinião* etc.), e as publicações encabeçadas por intelectuais que atuavam na universidade (*Argumento, Almanaque*).

Influenciada pelas teses sociológicas da dependência econômica, a análise produzida nos veículos comandados por intelectuais procurava fomentar a integração da América Latina em torno da autonomia. A luta contra os regimes ditatoriais acontecia também no plano cultural. Era preciso fazer frente ao avanço da cultura de massa norte-americana, com incentivo para o desenvolvimento da arte popular latino-americana. No auge da Guerra Fria, em que boa parte dos intelectuais latino-americanos convertia-se ao esquerdismo, o exemplo do socialismo alternativo de Cuba trazia novos ânimos àqueles que haviam se decepcionado com a falta de liberdade imposta pelo comunismo soviético.

Inspirados na ação política do italiano Antonio Gramsci, que defendia a existência de líderes “orgânicos” agindo na produção cultural, intelectuais latino-americanos passaram a trabalhar diretamente com as populações carentes e com diversas agremiações, tais como escolas, igrejas, união de estudantes, procurando criar uma consciência crítica em torno do subdesenvolvimento. Fruto desse período foram as ações culturais da União Brasileira dos Estudantes (UNE), a Teologia da Libertação e o Teatro do Oprimido, desenvolvido pelo teatrólogo Augusto Boal e que teve passagem por vários países do continente.

Nesse sentido, é evidente a posição pró-integração política da América Latina de uma revista cultural como *Argumento*, que

divulgou, no seu número de estreia, o ensaio de Antonio Candido “Literatura e subdesenvolvimento”, em 1973, num dos períodos mais difíceis da repressão. Nele, Candido defendia a literatura como um instrumento de tomada de consciência política e nacional. Depois de fazer uma dura crítica aos meios de comunicação de massa, que promovem, no entendimento do autor, uma “catequese às avessas”, com a “inculcação subliminar” de “valores duvidosos”, Antonio Candido defende a literatura como uma espécie de antídoto: “Visto que somos um ‘continente sob intervenção’, cabe à literatura latino-americana uma vigilância extrema, a fim de não ser arrastada pelos instrumentos e valores da cultura de massa [...]” (2000, p. 146).

A divulgação de escritores latino-americanos em veículos alternativos ganhou espaço e simpatia devido às motivações políticas. Até porque foi nesse momento que determinados autores também ganharam reconhecimento internacional, tais como Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges, Carlos Fuentes, Julio Cortázar, Alejo Carpentier, Pablo Neruda, alguns deles agrupados no que se convencionou chamar de Realismo Mágico ou Realismo Fantástico, que no Brasil reuniram nomes como Murilo Rubião e J.J. Veiga.

Outro exemplo de valorização da literatura latino-americana foi o *Suplemento Literário de Minas Gerais* (SLMG), criado em 1966. Haydée Ribeiro Coelho (2007) mostra que, ao longo das décadas de 1960 e 1970, a publicação, embalada pelo *boom* literário da região, passou a publicar panoramas, entrevistas e inventariar as produções latino-americanas. Os artigos na época ajudaram a proporcionar uma leitura tanto estética quanto política da literatura no continente, distanciando-se do exotismo com que era vista: traçaram-se as primeiras aproximações entre os escritores brasileiros e os autores dos demais países da América Latina.

Essa visão mudaria bastante da década de 1980 em diante. Por um lado, nesse período aumentam os estudos de literatura compa-

rada nos cursos de pós-graduação em Letras, ampliando-se o diálogo com a literatura brasileira e a arte literária de outros países (Nitri, 1997). Apesar disso, houve distanciamento entre o jornalismo cultural e a universidade. O jornalismo cultural dos anos 1980, influenciado pelo mercado, procurou atender aos anseios do público jovem. Feito majoritariamente por jornalistas, procurava ser “moderno”, ou seja, incorporar o que havia de mais inovador no mercado de bens culturais. Um exemplo desse modelo de jornalismo – e que exerceu grande influência no país – foi o do caderno *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*.

Pautada por uma visão cosmopolita e “antennada” com o mercado de consumo, a *Ilustrada* funcionou como um roteiro de consumo de produtos culturais. Apresentou-se menos preocupada com autores latino-americanos e com o seu potencial de fazer frente à indústria cultural e aderiu à cultura pop. O próprio projeto editorial da *Folha*, de 1985, afirmava que a *Ilustrada* deveria considerar que a cultura “é hoje um fato de mercado, [...] que as culturas ditas nacionais se confundem sob a influência da produção industrial internacional” (Gonçalves, 2008, p. 268).

Entre 1977 e 1989, a *Folha* recuperou parte da visão mais crítica de seu jornalismo cultural, com o lançamento do suplemento *Folhetim*. Concebido nos moldes da imprensa alternativa, o suplemento voltou-se, já nos anos 1980, para temas culturais mais amplos, dando espaço a especialistas das universidades. O pesquisador Marco Chaga afirma que o suplemento, na sua última fase (1982-1989), procurou dar espaço aos debates travados na universidade até então pouco explorados pela imprensa (Chaga, 2001).

Na área de literatura, ganharam espaço ensaios longos que discutiram a produção literária de países da América Latina principalmente por seu viés estético. Se na década anterior havia uma tendência de se valorizar a inserção política dos autores contra as diversas formas de opressão política, no *Folhetim* houve uma valorização dos autores

do continente quanto à produção de uma literatura criativa a partir das vanguardas e das tradições europeias mescladas à realidade local. Há um esforço em classificar a ação desses autores pelo rótulo do Neobarroco, entendido como uma estética que pode ser definida pelos jogos de palavras, o hibridismo das formas refletindo a miscigenação do continente e aberta em seu trabalho de interpretação. Trata-se de um *continuum* do Barroco, que teria atravessado os séculos e



*Era preciso fazer frente ao avanço da cultura de massa norte-americana, com incentivo para o desenvolvimento da arte popular latino-americana*

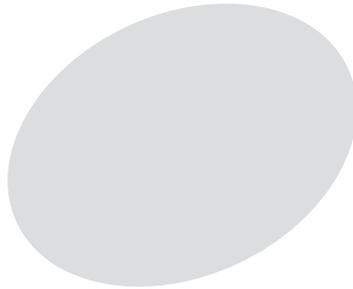
unido os brasileiros aos vizinhos latino-americanos, sobretudo devido à matriz cultural ibérica, impregnada de senso religioso, e ao *melting pot* étnico.

Sob esse aspecto, merecem destaque os trabalhos críticos de Haroldo de Campos, Octavio Paz e Néstor Perlongher, que discutiram a formação do Neobarroco e apontaram seus principais autores. Visto como um projeto literário latino-americano, um elemento de diferenciação em relação à literatura europeia e norte-americana, a designação Neobarroco foi importante para a constituição, em relação ao público, de um grupo alternativo de autores. Entre os latino-americanos mais citados no *Folhetim* estavam Néstor Perlongher, Octavio Paz, Pablo Neruda, Jorge Luis Borges, Oliverio Girondo, Vicente Huidobro, Ricardo Piglia, Julio Cortázar, Ángel Rama, César Vallejo, Lezama Lima.

Em 1989, a *Folha* lançou o suplemento *Letras*, criado para atender a forte demanda do

mercado editorial, que se profissionalizava no período. O suplemento foi uma vitrine para o lançamento de livros. Embora tenha destacado a alta cultura em muitos momentos, o caderno dava o mesmo tratamento a livros populares, ou *best-sellers*, destacando-se as resenhas sobre autores norte-americanos e europeus. O projeto editorial de *Letras* não teve

*A defesa da alta literatura pelo Mais! pode ser uma forma de combater a possível “ameaça” a que ela está sujeita com os estudos culturais*



longa duração (foi extinto em 1992), provavelmente devido à dificuldade de definição do projeto editorial do veículo, que se distanciava do público que consumia alta cultura por aderir a uma abordagem mais simplificada, mas também não conseguia atingir o grande público, pois ainda mantinha em seus textos resquícios de abordagens mais sofisticadas.

*Letras* refletiu um momento particular da história do país. Em meio a crises econômicas e à inflação, os empresários brasileiros do setor livreiro e da própria imprensa tinham atitude bastante tímida e apostavam principalmente em produtos bem aceitos pelo público, tais como traduções de livros norte-americanos e europeus. Assim, havia pouco espaço para a literatura latino-americana nas páginas do *Letras*. Os autores mais citados foram Jorge Luis Borges, Ricardo Piglia, Juan Carlos Onetti. Essa situação mudaria pouco com o *Mais!*.

### ● Elogio da tradição brasileira

Lançado em 16/02/1992 para substituir diversos cadernos e seções da *Folha*, o *Mais!* foi um dos suplementos culturais mais lon-

gevos das últimas décadas: durou 18 anos. Sua última edição circulou em 16/05/2010, com o número 995. Ao longo desse período, podemos verificar três fases: a fase 1 (de 16/02/1992 a 05/12/1999, edição número 408); a fase 2 (de 12/12/1999 a 14/12/2004, número 665) e a fase 3 (de 21/12/2004 a 16/05/2010, número 995).

Na primeira fase, o suplemento, publicado em formato *standard*, com até 24 páginas, caracterizou-se pela reunião de várias seções e cadernos que eram publicados na *Folha* e que foram extintos. Assim, o *Mais!* combinou produtos ligados à indústria cultural – tais como coluna social, quadrinhos, horóscopo, cobertura de eventos do mundo pop, roteiro cultural – e ensaios e reportagens sobre o mundo da alta cultura, ou seja, a produção cultural que tem maior aceitação entre as instâncias de consagração, como a academia e os críticos. Feito à maneira do caderno *Ilustrada*, o *Mais!* era uma espécie de grande roteiro cultural, mas com maior espaço para ensaios e matérias longas.

O gênero textual mais representativo desta fase foi reportagem (51,9%), seguido de entrevista (16,6%) e ensaio (13%). As três áreas mais abordadas foram literatura (25,8%), história (13%) e filosofia (8,8%). Os estudos culturais aparecem em sétimo lugar, com 5%. Isso mostra o prestígio da literatura em relação às outras áreas. Ao tratar temas ligados à arte, as reportagens misturavam abordagens críticas com detalhes curiosos da vida dos artistas.

Assim como nas outras fases, cada edição era articulada em torno de um dossiê, com destaque especial nas capas. O tema era introduzido por uma reportagem, entrevista ou ensaio, além de uma série de matérias e artigos que ajudavam a complementar as informações. Nesta fase, a maior parte dos dossiês tendeu ao biografismo. Houve também uma série de concessões ao mercado editorial. Se por um lado o suplemento deu espaço aos ensaios e à literatura experimental, por outro não deixou de dar cobertura

ao fenômeno do *best-seller*. Isso é possível verificar, por exemplo, na publicação de reportagens sobre consumo de livros, nas pesquisas dos mais vendidos e nos rankings de escritores elaborados a partir da opinião dos leitores.

O mercado editorial passou a ser tão importante que o lançamento de livros refere-se a 39,8% das capas. Trata-se do principal valor-notícia de cada dossiê. A partir dele, uma discussão sobre a obra do autor era feita, sempre de maneira didática. Em geral, uma notícia velha ganha nova roupagem e é vendida como nova para o leitor. Assim, o suplemento punha em debate, na maioria das vezes, autores já consagrados pela crítica.

Na segunda fase, ocorreu uma reformulação do suplemento, agora em formato tabloide, com até 32 páginas. Foram suprimidas as seções informativas ou ligadas ao entretenimento. Passou a haver maior espaço para opinião e ensaios. Intelectuais ligados à academia começaram a ter maior presença, muitos deles como colunistas. O gênero que sobressaiu foi o ensaio (43,9%). Em seguida veio a entrevista (15,4%).

Quanto ao conteúdo, o suplemento se voltou para a consolidação da abordagem sobre intelectuais brasileiros que integram a tradição do país. Privilegiou-se uma linguagem de intelectuais e artistas ligados ao universo cultural da cidade de São Paulo. Dessa forma, o Modernismo tornou-se baliza. Nesta fase, fez-se uma defesa veemente da literatura e das humanidades, em detrimento dos discursos da mídia e dos estudos culturais.

Reagindo a uma suposta decadência da produção literária no país, o *Mais!* usou como estratégia editorial a valorização de escritores e críticos que formam uma tradição cultural brasileira, tendo como grande referência a produção cultural da cidade de São Paulo. Isso se torna claro com a recorrência a fatos e personagens que aparecem na pauta do suplemento, sempre apresentados numa relação de interdependência, como se fizessem parte do mesmo grupo. Dessa forma, os

intelectuais brasileiros “[...] articulam-se em linha ou sucessão cumulativa, permitindo-nos descortinar o movimento da formação de uma tradição crítica no Brasil [...]” (Prado Jr., 1993, p. 18).

Uma das vozes mais importantes desse período foi Leyla Perrone-Moisés, para quem houve um enfraquecimento da crítica literária, ameaçada pelos descentramentos promovidos pela pós-modernidade e pelos estudos culturais. Para a autora, a inclusão de critérios de julgamento para além do estético é prejudicial à arte (Perrone-Moisés, 2002, p. 7). Assim, a defesa da alta literatura pelo *Mais!* pode ser lida como uma maneira de combater a possível “ameaça” a que ela está sujeita com ascensão dos estudos culturais, que instauraram, supostamente, um “valeduto” na avaliação estética. Nas duas fases do caderno, embora de maneiras diferentes, subjaz um discurso que busca preservar a alta cultura. Isso é demonstrado, primeiramente, no plano nacional, da construção de uma genealogia de autores e artistas que produziram a arte em vários setores – mas com grande destaque para a literatura.

Parte da história da literatura brasileira é “relida” pelos dossiês do *Mais!*, tendo como base valores literários já consagrados pela crítica. Pensando dessa forma, podemos entender o suplemento como um leitor da tradição cultural. Isso porque a Estética da Recepção mostra que a história literária não se define apenas pelo estudo de obras numa perspectiva diacrônica: a literatura ganha sentido à medida que é lida e atualizada com as recepções do presente (Jauss, 1994).

Criado em São Paulo e em diálogo com a produção cultural da cidade, o *Mais!* incorporou, na avaliação da arte, os valores modernos, ao dar grande espaço à crítica paulista. Dessa maneira, o veículo foi porta-voz de uma leitura da literatura brasileira que entende o Modernismo como referencial para a produção contemporânea. Da mesma forma, o Modernismo internacional aparece como central nas abordagens sobre a arte. Uma das formas

de consagração apresentadas pelo *Mais!* foi a elaboração de *rankings* com os 100 melhores poemas, romances e obras de não-ficção brasileiras e estrangeiras. Os nomes que aparecem no topo do *ranking* são os de artistas e pensadores canônicos, a maior parte deles europeus, oferecendo quase nenhum espaço para a produção contemporânea.

### ● América Latina no *Mais!*

A abordagem da literatura produzida na América Latina reflete essa escolha do jornal. Os escritores latino-americanos que tiveram maior evidência foram aqueles já consagrados pela crítica e/ou que são os representantes locais da tradição moderna dos grandes autores da literatura mundial, ou seja, que reforçam a centralidade do cânone europeu. Dessa forma, observando as capas dos suplementos, temos uma noção de como os escritores latino-americanos são sub-representados no *Mais!*. Dentre as 665 edições pesquisadas, os escritores europeus aparecem como tema central em 70 capas; os brasileiros em 61; os americanos em 20; os latino-americanos em apenas 9 e os asiáticos em 2. A África e a Oceania não são representadas nas capas do suplemento, em que pese o destaque que suas literaturas vêm obtendo nas últimas duas décadas.

Dentre os autores latino-americanos representados, aparecem como tema central dos dossiês Mario Vargas Llosa (27/11/1994), Adolfo Bioy Casares (30/07/1995), Jorge Luis Borges (19/05/1996, 01/08/1999, 26/09/1999, 24/12/2000) e Ricardo Piglia (15/06/2003). Além destes, há dois números sobre a literatura da região: um deles intitulado “O boom do realismo urbano” (23/05/2004), com uma foto de capa do escritor colombiano Efraim Medina Reyes, e “Sul Maravilha”, com a imagem do chileno Roberto Bolaño (12/09/2004).

Como é possível verificar na leitura dos números, à exceção de Reyes, são evidenciados os escritores já consagrados pela crítica. E, mesmo assim, há um caso de supervalorização,

que é o do argentino Jorge Luis Borges. Consagrado pela crítica internacional, Borges é o escritor latino-americano que mais se aproxima, dentre os citados, dos valores da modernidade estética. Os critérios de seleção desses autores seguem a lógica apontada por Silviano Santiago quanto ao perfil dos escritores que têm espaço no mercado: o que escreve a grande literatura (e tem reconhecimento dos críticos e das premiações internacionais), o engajado politicamente e o campeão de vendas (Santiago, 2003, p. 6). No caso do *Mais!*, o primeiro critério foi o mais usado.

Ao examinarmos as abordagens sobre a literatura nas reportagens e ensaios do suplemento, constatamos a mesma tendência verificada nas capas. Quando se refere à produção literária latino-americana, os textos apontam para certa estagnação dessa literatura – composta de nomes que se formaram nas décadas de 1960 e 1970. São raras as resenhas que tratam de lançamentos de novos autores. Ao longo das edições do suplemento analisadas, há uma única edição que trata da nova produção literária latino-americana. Ela está presente quase no final do período analisado (23/05/2004). Nela, o escritor colombiano Efraim Reyes Medina é entrevistado. À exceção do pequeno texto de apresentação do autor, em que o editor-adjunto Marcos Flamínio Peres esboça algumas tendências da nova literatura latino-americana, atrai pelo exotismo da entrevista. Reyes é retratado como um *enfant terrible* da nova geração, o que dificulta uma apreciação mais adequada de sua obra e dos novos autores do continente.

A grande ausência no suplemento são abordagens que discutissem com maior profundidade a produção da América Latina mais recente. Na verdade, o jornal deixou de focar um importante movimento da produção artística latino-americana, que valoriza suas características híbridas e que estava em consonância com a produção brasileira da década de 1990. Trata-se de textos literários experimentais que rediscutiram o problema da nacionalidade, o impacto das novas tecnologias na cultura, as

novas sociabilidades, a questão das fronteiras e as novas identidades – que passaram a ser analisados com maior destaque na universidade, na esteira de teorias que valorizam as produções artísticas periféricas.

Tendo em vista a produção literária da década de 1990 na América Latina, podemos entendê-la nos termos de Néstor García Canclini, para quem a mundialização da cultura, em vez da uniformidade e do conformismo, evidencia mesclas culturais. Assim, o processo de hibridização tornou-se mais forte nas últimas décadas, pela influência cada vez maior dos meios de comunicação e de novas identidades culturais (Canclini, 2008, p. 20).

Embora a academia tenha incorporado reflexões sobre os estudos culturais e a hibridização em muitos dos cursos de pós-graduação das humanidades, o jornalismo cultural brasileiro age de maneira conservadora. Esse é o caso do *Mais!*. Na edição de 12/04/1992, por exemplo, o tema escolhido para o dossiê foi “Multiculturalismo”. O subtítulo já direciona a crítica: “O caldeirão da diversidade cultural ferve nos EUA e na Europa, mobiliza debates, gera regras ‘politicamente corretas’, provoca o modismo da world music e cria o preservacionismo étnico.” A reportagem que abre o dossiê trata exatamente do processo de hibridização, mas a partir de um ponto de vista negativo.

De uma forma geral, o discurso da América Latina ainda é influenciado pela lógica do subdesenvolvimento, que vê a arte produzida na região como cópia. Uma das questões presentes nas edições é o fim das utopias de integração de décadas anteriores – num discurso contrário, por exemplo, ao de Antonio Candido, em seu texto “Literatura e subdesenvolvimento”. A área da cultura é tratada como resultado direto de questões econômicas e políticas, que ganham uma abordagem negativa. Exemplo disso são as edições 78 – com o título “Ajustes e desajustes” (08/08/1993); 287, sobre a teoria da dependência, com o título “A América que deu errado” (10/08/1997); 530, com o título “América Latina joga a toalha” (07/04/2002).

Portanto, de uma forma geral, o *Mais!*, ao tratar os temas relacionados às artes na América Latina, aposta numa abordagem conservadora, assim como fez em relação à produção literária brasileira. A tentativa de manter a tradição a partir dos grandes nomes do mundo das artes é o caminho mais seguro para a satisfação do leitor médio, segundo o que se pode antever no corpo do jornal. Mas impede o jornal de cumprir o seu principal



*No Mais!, os textos apontam para certa estagnação da produção literária latino-americana composta de nomes das décadas de 1960 e 1970*

papel que é captar o espírito da época e indicar ao leitor o que realmente está sendo produzido de novo no continente e como essa nova realidade pode ser interpretada.

Complexa, ainda não consagrada, a produção contemporânea é um espaço ainda não consolidado — e daí a preferência por produtos culturais com maior valor no mercado. O mesmo pode ser dito sobre a produção da literatura na América Latina vista pelo *Mais!*. Numa época de crise econômica no continente, com a indústria cultural dominada pelos produtos norte-americanos, falar de novos autores representava correr riscos, o que foi descartado pelo suplemento da *Folha de S.Paulo*.

### ● Considerações finais

A partir do que foi exposto, podemos tirar algumas conclusões a respeito do tipo de cobertura que a produção literária de países da América Latina recebeu em um dos mais importantes suplementos culturais brasilei-

ros nos anos 1990 e início da década de 2000.

A primeira constatação é que, numericamente, a América Latina aparece sub-representada. Apenas 9 escritores aparecem como sendo tema central de seus dossiês – e um deles, quatro vezes. Isso mostra a desvalorização dos autores latinos em detrimento do gigantismo de um deles, Jorge Luis Borges.

Ao abordar as artes latino-americanas, o suplemento adota uma posição tradicional quanto à postura crítica. Olha-se a literatura com a referência do Modernismo brasileiro

ou internacional, e não a partir de um conceito mais atual, como o das “culturas híbridas” ou dos estudos culturais, em que a noção tradicional de cânone e de centralidade da produção europeia é questionada.

De uma forma geral, o *Mais!* oferece uma cobertura pobre quanto à América Latina, apostando em autores bastante consagrados e arriscando pouco na abordagem dos novos. Revela o enfraquecimento do jornalismo cultural no meio impresso que vem ocorrendo nas últimas décadas.

(artigo recebido ago.2013/ aprovado nov.2013)

## Referências

- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.
- CHAGA, Marco Antonio Maschio Cardozo. **Rapsódia de uma década perdida: o Folhetim da Folha de S.Paulo (1977-1989)**. Tese de doutorado em Letras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- FAUSTINO, Mário. **Artesanatos de poesia: fontes e correntes da poesia ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GONÇALVES, Marcos Augusto. **Pós-tudo: 50 anos de cultura na Ilustrada**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- JAUSS, Hans Robert. **A história literária como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LEITE NETO, Alcino. Literatura: apresentação. In: NESTROVSKI, Arthur (Org.). **Em preto e branco: artes brasileiras na Folha (1990-2003)**. São Paulo: Publifolha, 2004.
- LEITE NETO, Alcino. + *Mais!* (1992-2010). **Folha de S. Paulo**, 16 de maio de 2010. *Mais!*, p. 8.
- LIMA, Marcelo Fernando de. **Os dez mais: avaliação da literatura brasileira no suplemento Mais! da Folha de S. Paulo (1992-2004)**. Tese de doutorado em Letras. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.
- LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- MARTINS, Maria Lúcia. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2000.
- NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Edusp, 1997.
- NUNES, Benedito. **A clave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Para que servem as humanidades?** Folha de S. Paulo, 30 de jun. 2002. *Mais!*, p. 7-8.
- PRADO JR., Bento. **A formação da tradição crítica**. Folha de S. Paulo, 9 de maio, 1993. *Mais!*, p. 18.
- SANTIAGO, Silvano. **Outubro retalhado**. Folha de S. Paulo, 16 nov. 2003. *Mais!*, p. 6.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polémicas literárias no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.